

# DESCONTÍNUOS TEMPORAIS E AS INFLEXÕES POÉTICAS DA OBRA-POEMA “QUANDO”, DE MANUEL ALEGRE: RASURAS E DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Manoel Barreto Júnior<sup>1</sup>

## Resumo

A presente comunicação pretende refletir sobre os descontínuos temporais e suas inflexões líricas, ao que concerne ao espaço, a consciência do existir, ao cotidiano, entre outros elementos líricos forjados na obra-poema *Quando* (2020), de Manuel Alegre. Uma obra que amplia seu traço contemporâneo, à medida que provoca os leitores a partir de subliminares indagações que beira o desprezioso, mas que se revelam intensas pelas possibilidades de compartilhamento das experiências – acionadas pelo eu lírico. Aliás, uma estratégia discursiva que consiste muito mais em criar novas perguntas do que propriamente gerar respostas. De tal modo, a emergência simbólica da obra-poema vincula à palavra poética de modo visceral, vivo e, espetacularmente orgânico, expresso entre versos lúcidos que cantam práticas sociais e distintos modos de vida. Para tanto, acionamos diálogos teóricos à luz de Paz (2015), Heidegger (2015), Certeau (2008) entre outros, com o propósito de ampliar leituras contextuais através das configurações estéticas do signo poético *tempo*, em suas transfigurações e contingências simbólicas, onde a lírica portuguesa contemporânea de Manuel Alegre se retroalimenta. Neste sentido, a partir de um movimento decoroso e, por vezes, conciliador o poeta abre diálogos desconcertantes e provocadores, já desde o título da obra-poema que enlaça leitores, sobretudo, pelas oportunidades intersubjetivas do que se deseja inteligível – pelas rasuras da expressão poética.

**Palavras-chave:** Poética contemporânea; Manuel Alegre; Descontínuos temporais; Elementos líricos.

1 Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Departamento de Letras, Língua Inglesa e Literaturas – DLLARTES e-mail: mbjunior@uneb.br

## *Estou e não estou em lado nenhum<sup>2</sup>*

A indagação convite arrebatava o imaginário do leitor desde o título da obra, antes das primeiras páginas, dos primeiros versos. De pronto, a obra-poema *Quando* (2020), de Manuel Alegre já começa a dialogar, de modo extraliterário quando desloca o cotidiano possível entre isolamentos, dispersões e fragmentações catalizadoras pelos empenhos da poética contemporânea.

Sob tais perspectivas, os escritos de Manuel Alegre em substância lírica têm uma forma bastante peculiar na obra *Quando* (2020), no justo momento em que aciona as circunstâncias do conector temporal, para os novos linguistas ou mais singularmente como advérbio temporal-interrogativo para os falantes do português, ou, ainda, como elemento-poético, na medida em que a palavra “quando” afeta paradigmas linguísticos e conceituais através de ambivalências meta-vocabulares. Convém, portanto, acordar sobre às possibilidades intersubjetivas de recepção desse escrito pelos descontínuos temporais, de uma obra que, traduz, em muito, as marcas contemporâneas da poesia portuguesa – pelas inflexões memoriais e pelos modos de vida do poeta.

Ao considerar que a leitura se sustenta na interação, isto é, através de processos recíprocos relacionados, cabe evidenciar que a obra-poema *Quando* (2020), divide-se em 10 cantos, que revisitam o panorama da historiografia literária através do crivo das tendências contemporâneas – cultural, ocidental-global, especialmente, em perspectivas contextuais que deseja compartilhar inquietações como quem pretende expressar outras novas práticas de vida. Um canto suspenso do território poético que confirma a nossa existência, ainda que, como presença virtual que se impõe missiva à civilização, nestes tempos estranhos de isolamentos sociais. De tal modo, a dicção poética de Alegre aciona estratégias discursivas para suprir vazios aparentes, silêncios ensurdecidos e visíveis.

Com efeito, nessa obra, a atitude autorreflexiva se intensifica pelos recursos estéticos das memórias, de traços intertextuais entre metáforas, que abrem fendas pelas quais o eu lírico cria intensa cumplicidade com os leitores, na medida em que lhes possibilita chamadas explícitas para irrecusáveis interações de vida. E como empenhamos as rasuras como uma forma de leitura, para acompanhar Manuel Alegre, em cada

<sup>2</sup> Versos do poema *Quando*, de Manuel Alegre – Canto I (p. 4).

verso, buscamos auxílio, igualmente robusto, que sabe lá porque razão, nos guiaram nossas experiências de leitura Walt Whitman pelos versos libertadores de *song of myself* e a desassossegada narrativa-poética de Bernardo Soares, que teimavam em engendrar diálogos incidentais, tal qual Dante, quando guiado por Virgílio pelos três reinos do além-túmulo.

Por conseguinte, as decorosas e provocantes indagações da obra-poema nos oferece testemunhos coloquiais e eruditos de vivências, que traduzem à vida como um livro possível que, ainda em rascunho, permite constantes transformações, que se apresentam ao mundo através dos signos poéticos; justamente pela reconfiguração dos descontínuos temporais, ao que concerne ao espaço, a consciência do existir e ao cotidiano. Como bem afiança Moriconi (2020, p. 30), “Interessante é que tal realidade da produção literária e da dinâmica cultural colocam hoje como problema a própria realidade: o real enquanto tal, as relações entre criação e realidade [...]”.

Assim articulado, a contemporaneidade da obra, revela-se aparente pelo fazer estético de Manuel Alegre que desagua monumental na amplitude do seu desejo estético para produção um longo poema, que ele mesmo traduz como uma “ideia de ciclo: da vida, da terra, das estações, das marés, também do ritmo poético, do ser e da sua aprendizagem<sup>3</sup>.” Ou seja, a vida em seu fluxo, não tão disposto pela ordem linear de Chronos, mas pelos descontínuos do humanamente possíveis; através do qual, em tempos pandêmicos, o cotidiano se replica entre urgentes e simbólicas perspectivas confessionais, que provocam os leitores a partir de subliminares indagações. Estas, por sua vez se mostram intensas pelo compartilhamento das experiências – acionadas por um eu lírico, sempre aberto a uma boa prosa – em verso.

Ao confirmar o adágio de que Manuel Alegre é um desses poetas dos nossos tempos em que a obra se mostra pela força libertadora de suas palavras que ecoam buscando ultrapassar o silêncio para forjar no impossível a resistência das possibilidades. Afinal, a certeza da transgressão consiste muito mais em criar novas perguntas do que propriamente gerar respostas.

De certo, a constatação desse fato não implica, porém, de modo algum, que a indagação convite do título seja atenuado. Porque os cantos

3 Entrevista **Manuel Alegre**: Um canto nas fronteiras da vida, do tempo e da poesia. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/2020-11-20-manuel-alegre-um-canto-nas-fronteiras-da-vida-do-tempo-e-da-poesia> Acesso em 10 out. 2021.

arrebatam ao que se reveste em inflexões absolutas. Assim sendo, não devemos renunciar o ponto de partida enigmático da constituição do temporal pela presença de outrem, como esclarecimento ontológico do nexos da vida em si. Afinal, se há um convite ou uma indagação, logo, existe a perspectiva interativa pela confirmação evidente para além de “uma coisa”, como alude Heidegger (2015):

“Todavia, a presença deve ser chamada de “temporal” também no sentido de ser e estar “no tempo”. Mesmo sem uma construção historiográfica, a presença fatidicamente precisa e se vale de calendário e relógio. Ela faz a experiência do que “com ela” acontece como acontecendo no “tempo”. Da mesma forma, os processos da natureza animada e inanimada vêm ao encontro “no tempo”. Eles são intratemporais. (HEIDEGGER, 2015, p. 468).

Logo, Alegre flerta com o tempo pela percepção aguda do que ainda está acontecendo. Tecendo memórias para uma composição que retroalimenta as temporalidades como mecanismos intratemporais dissolvidas pelo mesmo vetor da presença.

[...]  
 Não há tempo no tempo  
 ninguém me viu ontem em babilônia  
 quem sabe se amanhã verá  
 tempo só hoje  
 tempo sem antes nem depois  
 Como acertar no poema a rotação da  
 Terra  
 ou delinear o fluxo das marés?  
 E como esconjurar o fogo e a praga  
 SMS não é minha escrita.  
 Será que Deus twita?  
 Faz como ele: clica e apaga  
 Clica e apaga  
 (ALEGRE, 2020, p. 10-11)

Consequentemente as reflexões do eu lírico, na primeira estrofe, pulveriza a noção do tempo, como matéria-poética, entre o fenomenológico e cronológico principalmente na ocasião aciona as micro-temporalidades que se multiplicam em circunstâncias do cotidiano possível em seus deslocamentos. No verso primeiro “não há tempo no tempo” evidencia as

experiências de temporalidades amiúdes, pelas possibilidades do *Dasein*<sup>4</sup>, a transfigurar o sentido transitório do ser e do tempo, que pela inspiração heideggeriana, aciona possibilidades existenciais ante ao mundo. De tal modo, Manuel Alegre revaloriza a enunciação lírica em termos imediatos pela articulação da poesia, da tecnologia e da comunicação que, na atualidade, traduzem práticas culturais como expressão estética das possíveis tendências e percursos de vida – ao que se teima nomear de novo normal.

Na segunda estrofe, as contingências simbólicas da obra-poema vinculam à palavra poética expressa entre versos lúcidos que cantam modos contemporâneos de vida, que aproximam demasiadamente o divino, o eu lírico e os leitores. Aqui a comunicação/interação tecnológica das mensagens, estão em toda parte: SMS, twite, clica, apaga como prefigurações alegóricas de presença, ainda que virtuais. Em um dos poucos pontos interrogativos da obra, o poeta indaga: *Será que Deus twita?*

Por esses recursos, em momentos de apagões das redes sociais, o *Twitter* se apresenta como oráculo enunciador e poderoso, um palimpsesto de 140 caracteres que ainda atende a quem busca comunicar com o mundo. Como quem tivesse mandado um grito, ao supremo, que escondido nos céus, segue sem responder. Aspirações de Castro Alves? Não, e a voz engasgada que possivelmente aciona o advérbio, título da obra, e que faz ampliar sua função estética. Assim o eu lírico vaza traços contemporâneos pela resiliência da tradição para expressar a modernidade, como bem anunciou Manuel Alegre em entrevista à Maria Augusta Silva (2004, p. 3).

Por esta lógica, a obra-poema é toda ela um testemunho de uma vida em estado de poesia que se delata pelo formidável compartilhamento de rastros de leituras, de viagens, de visão de mundo, do cotidiano que se nos apresenta através de um mundo produzido e criado por humanos, mas a estes momentaneamente indisponível. De certo, por força da estrutura libertadora da obra, é articulada devido à leveza do discurso poético que se forja como testemunho de vivências, experiências e ações

4 [...] *Da-sein* significa não estar aqui em vez de lá, nem mesmo aqui ou lá, mas é a possibilidade, a condição de ser orientado por um estar aqui e lá." Mais tarde, *Da-sein* significa às vezes não "estar aí", mas "aí onde o ser reside", quando ele chega: "Este onde como o aí da morada pertence ao próprio ser, "é" o próprio ser, sendo assim, chamado de *Da-sein*." (INWOOD, M. INWOOD, Michael. Dicionário Heidegger. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 29).

cotidianas, a confirmar a poética da nossa existência. Mesmo quando tudo parece impossível:

[...]

Um vírus vira o Mundo do avesso.  
Não temos citações para tanta calamidade  
Que sabe se é o fim quem sabe se um começo.  
De repente ficávamos sem passado.  
Velhos essa grande incomodidade.  
Há uma sombra a crescer por toda parte.  
O presente é presente.

[...]

Rasgas os livros sagrados  
Homero Virgílio Dante Shakespeare Camões.  
Poesia a mais. Pensamento a mais  
Palavras a mais. Faz delete  
apaga a História apaga o poema  
apaga passado.  
Twita:  
Viva a noite o vazio o copo a coca a queca  
(ALEGRE, 2020, p. 07)

E o contínuo da contemporaneidade pela dicção poética de Manuel Alegre, acontece através dos reflexos intensos da vida, do tempo que ainda está acontecendo, de modo a refletir diferentes perspectivas e interesses. Entretanto, os sentidos e as possibilidades do poético, pelo tensionamento do cotidiano dessacraliza o vazio, em alinhamento ao absurdo absoluto das temporalidades que teimam em agarrar o pretérito, que, diferente do presente e do futuro, não se subordina a uma lógica contínua – porque a indisciplina lhe é uma fonte cética fragmentada pelos seus entes através do cotidiano aparente que se repete em dias iguais, como dispõe Certeau (1996):

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. (CERTEAU, 1996 p. 31).

A confirmação desse movimento faz pensar que os fragmentos dos cantos aqui selecionados representam a constituição de uma unidade poética que circunda, portanto, a emergência simbólica que testemunha os descontínuos temporais. Contudo, Manuel Alegre abre novas fendas para outros lugares do poético sem impasses e, sobretudo, pelo entrecruzamento do orgânico e do simbólico em nós. Para tanto, incansavelmente, convoca em seu confinamento criativo o legado dos grandes poetas universais e outras personalidades a compor um intertexto-arquivo com tonalidades dramáticas, épicas, líricas e prosaicas, das quais Virgílio, Shakespeare e Camões, Whitman, Bob Dylan, Freeman e os anônimos-ausentes da cidade sitiada que traduzem, em absoluto, ares da contemporaneidade disponível, de modo ameno e consensual pela revista à tradição para um melhor entendimento da atualidade.

Assim, fluído e abstrato a rasura estética que atualiza o lirismo instantâneo linka Manuel Alegre e reflete à vida em suas outras dimensões pelo estado poético que ainda resiste e tem com *password* memórias em trânsito. De tal modo, as expressões históricas e culturais forjam um ambiente enigmático, a partir de respostas a serem construídas a partir da própria vida que resiste em poesia.

[...]

Tempo que foi. Tempo fechado. Tempo que não é.

Com que palavra criar futuro?

Com que palavra abrir o tempo?

Palavra ainda não palavra.

Grito ainda Não grito.

Canto ainda não canto.

Onde estais poetas americanos?

Velho Walt ressuscita

Twita

Com teu verso de trovão

E varre com suas folhas de erva

Aquele que só twita merda.

Camões, um olho em ceuta

Um braço de Cervantes em Lepanto

Cabeça trepanada de Apollinaire

Perna amputada de Rimbaud.

[...]

(ALEGRE, 2020, p. 17)

De pronto, a concepção criadora de Alegre se manifesta, em especial, pelas possibilidades interativas do comunicar através de circunstâncias objetivas para um mundo doente, interdito. Sob tal perspectiva, twitar é o modo protegido, funcional e viável ante a um *tempo fechado/Tempo./que não é/* que amplia a percepção da vida mediado pelas tecnologias e que ainda exprime a sensibilidade da expressão universal, pela emergência de um interlocutor.

Certamente poderia fazer contapontos da obra-poema *Quando* (2020), com *Praça da Canção*, (1965), *Chegar aqui* (1984), *Bairro Ocidental* (2015), obras do Alegre que muito estimamos. Entretanto, certamente atônito pelo momento pandêmico nos basta este escrito para testemunhar a capacidade de resistência da poesia ao possível devir. Por conseguinte, ainda no escopo das redes sociais o poeta nos oferece um *pharmakon* retroviral que através do *facebook* nos assiste com versos homeopáticos dedicados à cidade-nação, irreconhecível, mas resistente com poemas tais quais: “Lisboa ainda” entre outras expressões.

E na órbita da resistência como canto enunciador, pelos signos em rotação, Paz (2015), assim pondera ao se aproximar do pensamento de Heidegger,

[...] O homem é o inacabado, ainda que seja cabal em sua própria inconclusão; e por isso faz poemas imagens nas quais se realiza e se acaba, sem acaba-se nunca de todo. Ele mesmo é um poema: é o ser sempre em perpétua possibilidade de ser completamente e cumprindo-se assim em seu não-acabamento. [...] (PAZ, 2015, p. 109)

Por estes percursos a dicção poética de Manuel Alegre articula temáticas contextuais que reflete unidade lírica, a vazar a ampliação da imagem do mundo, pelo uso de elementos-líricos universais a provocar posturas que avançam para além da tradição romântica, justamente para forjar uma plataforma crítica em com tendências atuais e, sobretudo, sem perder os traços notáveis da tradição – pelas revistas constantes em ampliar posicionamentos que inspiram ares vanguardistas. Certamente, com o propósito de ampliar leituras possíveis do signo poético *tempo*, em suas transfigurações e contingências simbólicas, pela qual a lírica de expressão portuguesa de Manuel Alegre se retroalimenta em substâncias contemporâneas.

## LÁ ONDE SÓ SE CHEGA NÃO CHEGANDO<sup>5</sup>

Na poesia cumpre-se o *presente* sem margens do tempo, tal qual como o sentia Santo Agostinho: presente do passado, presente do futuro e presente do presente. A poesia dá voz à existência simultânea, aos tempos do Tempo, que ela invoca, evoca, provoca. (BOSI, 2000, p. 141)

Sobre os efeitos estéticos e contextuais, Bosi (2000), nos lembra que compreender o instante, pela palavra poética, é compreender a contemporaneidade em toda a sua fluidez; como forma de apresentar possíveis filigranas que arrebatam e provocam deslocamentos de todas ordens, nessas temporalidades do instantâneo, do virtual, do descartável e simbólico - pela natureza própria da linguagem poética.

Desse modo, as reverberações intersubjetivas empenhadas na obra-poema, oferece a revalorização do enunciado lírico em seus contornos mais intimistas que valida o lento e contínuo processo de humanização, a partir de uma poética contemporânea que e, por vezes, concilia experiências de todas ordens que se revelam como matéria-poética, nestes tempos insólitos.

Aqui ou do outro lado do Atlântico, ou em qualquer outra parte do mundo, a obra-poema *Quando*, de Manuel Alegre se revela como ação humanitária em poesia orgânica, que com todo protocolo estético e ideológico, abraça saudoso seus interlocutores que se inclinam ao metafísico pelos descontínuos temporais para um melhor entendimento do plano físico – uma ação com efeito inútil, aos que estão presos na inautenticidade existencial e que, portanto, não conseguem rasurar à vida em suas possibilidades interativas.

## REFERÊNCIAS

ALEGRE, Manuel. **Quando**. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2020.

ALEGRE, Manuel. **Entrevista Manuel Alegre**. [Entrevista concedida à Maria Augusta Silva]. p, 01-26, outubro, 2004.

BOSI, Alfredo, **O ser e o tempo da poesia** /Alfredo Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

5 Versos do poema Quando, de Manuel Alegre – Canto X (p. 22).

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2 – Morar, cozinhar. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**/ Martin Heidegger; tradução revisada e interpretação de Márcia Sá Calvalcante; Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**/ Martin Heidegger; tradução revisada e interpretação de Márcia Sá Calvalcante; Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes ; Bragança Paulista, SP : Editora Universitária São Francisco, 2015.

MORICONI, Ítalo. **Literatura, meu fetiche**. / Ítalo Moriconi; Paloma Vidal e Ieda Magri (org.). Recife: Cepe, 2020.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Trad. Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2015.